



STEPHANIE BRITE – O FINAL

Já estávamos cansados e sem esperança, depois de muitas e muitas vezes tendo atravessado aquele buraco negro e nunca conseguindo chegar em casa. Sempre éramos levados ao mesmo sistema solar, porém em épocas diferentes. Não entendíamos o que estava acontecendo e não sabíamos se um dia chegaríamos de volta ao lar.

O que faríamos? A única coisa na qual conseguíamos pensar era em tentar atravessar o buraco negro e voltar ao lugar de onde viemos. Novas tentativas, novas ilusões, para onde seríamos jogados desta vez? Mas precisávamos fazer alguma coisa, não poderíamos ficar ali; inertes. Isto não faz parte de nosso vocabulário e ficaríamos – claro como o Sol brilhante à frente – sem combustível e então...

Seríamos talvez jogados contra um asteróide ou então sugados pela atmosfera de um destes maravilhosos planetas ou coisa pior. O importante é que ainda estávamos vivos para tentar uma saída, buscar incansavelmente uma solução, antes que pior aconteça ou até mesmo que fôssemos arremessados em uma época da qual não poderíamos sair. Phélix e Agora são mais que apenas andróides do Programa Espacial, são verdadeiros amigos e como tais estão incansavelmente em busca de uma solução para todos, inclusive para o resto da tripulação acometida por algo estranho.

Como já disse antes, em minhas memórias ou mesmo em meu Diário de Bordo, toda a tripulação ainda dormia – inclusive dormia desde que adentramos a primeira vez o buraco negro Sagittarius A. Assim somente nós três, Phélix, Agora e eu sabíamos daquele aterrorizante destino, os demais adormecidos continuavam. Várias vezes, durante as 24 horas que eu ainda usava para marcar um dia, Phélix ou eu, e algumas vezes também Agora, verificávamos se os outros tripulantes estavam vivos. Incrivelmente, eles se mantinham vivos mesmo sem comer ou tomar água há muito tempo, e não davam nenhum sinal de despertar daquele sono profundo.

Quando nos aproximávamos novamente do buraco negro, e desta vez acreditávamos que seria nossa última tentativa pois os dados e informações obtidas pelos andróides deveriam nos enviar para casa, para nosso tempo e terminar assim com esta viagem “maluca”, percebi que algo vinha em direção a nossa nave. Se estivéssemos na Terra, diríamos se tratar de um OVNI, pois não dava para saber o que realmente era, parecia uma luz que viajava muito rápido e se aproximava cada vez mais, como se fosse se chocar conosco. Fiquei sem saber o que fazer, não havia tempo para desviar, fiquei paralisada, esperando a colisão. Por um momento, tudo que vivi passou por minha cabeça: meus pais, os almoços em família, os treinamentos na base aérea, os amigos, aquela viagem maluca, tudo. Também, claro, as épocas que visitamos em tão pouco tempo, como poderia! Vivemos quase todos os períodos históricos de nosso planeta em apenas uma viagem, uma viagem estranha, uma viagem que nem mesmo os nossos amigos andróides poderiam explicar, uma viagem pelo curso de toda a História da Humanidade. Chorei ao lembrar que encontrei com o menino Jesus em Nazaré, senti por tantos que morreram em guerras absurdas as quais moldaram o rumo da humanidade ao longo de sua trajetória. Lembrei de tantas outras passagens que praticamente é impossível relatar todas.

No momento, em que a adrenalina já dominava meu corpo, vi a luz diminuir a velocidade e ir se aproximando cada vez mais lentamente. Pudemos observar que se tratava de uma nave, porém muito diferente da nossa, muito mais moderna e com tecnologias infinitamente superiores. Tive medo, muito medo mesmo e não me envergonho de dizer isto. O que poderíamos encontrar lá? Ou melhor, será que fomos encontrados?



A nave continuou se aproximando, até se acoplar a nossa nave. Comecei a perceber uma luz que brotava da lateral direita de nossa nave, ela surgia por entre as paredes da nave sem mesmo haver qualquer abertura, inexplicável. Gritei para Phélix: “- Esconda-se!”. Mas era tarde demais, a luz agora se materializava em nossa frente, e pude perceber que se formava uma pessoa idêntica a nós, humanos. Continuei com medo. O que ele queria? Seria nosso fim? Era tarde para pensar nisto. Depois de tantas e inexplicáveis situações era tarde para pensar nisto.

Ainda – inconscientemente - tentei me esconder, mas o ser transmitia em seu semblante uma bondade infinita. Então, ele olhou para onde eu estava e disse:

- Não tema, Stephanie. Estou aqui para ajudá-los a voltar para casa.

Neste momento, eu gelei, tentei gritar mas algo parecia impedir, minha voz não saiu. Não consegui pronunciar nenhuma palavra. Como ele sabia meu nome? Como sabia falar a mesma língua que eu? E o pior, será que sabia onde era minha casa?

Sem escolha, me aproximei. Apenas fiquei escutando o que aquele ser, tão parecido comigo, porém tão inusitado queria me dizer. Phélix e Agora também ouviam.

- Stephanie, eu sei que muitas dúvidas passam por sua cabeça neste momento. Você se pergunta quem sou e como sei tanto sobre você. Em relação a isso, somente posso lhe dizer que existem muitas coisas que a mente humana não é capaz de compreender, e que somente uma evolução muito grande poderá levar-lhes a nível tão elevado de conhecimento. Entretanto, meu objetivo aqui é ajudá-la, e ajudar seus amigos a voltarem para casa. Porém, não posso fazer isso sem o seu consentimento, portanto, vou contar-lhe uma passagem:

“Ao atravessar o buraco negro, você e seus amigos saíram do universo ao qual pertenciam, e entraram em uma viagem sem fim, por vários outros universos. Cada universo foi criado por um ser de luz, onipresente e onipotente no universo que criou. No seu universo, os humanos deram-lhe o nome de Deus. Por ter saído de seu universo, você e seus amigos deixaram de ser protegidos por este seu Deus. Embora, Ele saiba onde estejam e possa sentir-lhes, Ele nada pode fazer por vocês aqui, apenas interceder junto a outros senhores da luz para que seres maldosos não os atormentem ou destruam. Seu Deus não os abandonou, porém até este momento vocês estavam em universos onde os seres de luz não podiam aproximar-se, até que conseguimos. Desde que vocês atravessaram o buraco negro, meus amigos e eu estamos seguindo-os, porém nunca conseguíamos alcançá-los, algo ou alguém sempre nos atrasava, nos universos que tínhamos permissão para entrar. Eu sei que tudo que estou dizendo pode ser diferente ou estranho a tudo que você acredita, e também possa lhe parecer absurdo, mas acredito que depois de todas as experiências que passou durante a viagem, acreditar em mim ficou muito mais fácil. Continuando nesta viagem, vocês correm muito perigo, podem entrar em universos onde os seres do mal já dominaram, e podem ser massacrados, sem que nada possamos fazer.

“Stephanie, aqui está meu relato da maneira mais simples. Desejo apenas que me responda se deseja voltar para casa.”

Eu ainda não conseguia falar, todas estas palavras deste ser misterioso eram inusitadas pra mim, eu não era capaz de compreender. Entretanto, o que eu mais queria era voltar para casa, e levar de volta ao nosso mundo conhecido, aquelas pessoas que estavam ali sob minha responsabilidade. Olhei para Phélix e Ágora, na esperança de que eles pudessem me ajudar na decisão, mas naquele momento eles eram apenas o que sua natureza permitia, robôs sem expressão. Sem conseguir pronunciar nenhuma palavra, apenas balancei a cabeça em resposta afirmativa. Sim, eu quero voltar para casa.



Nisto vozes vindas de algum lugar cantavam:

Daqui partirão, esses seres
Humanos em paixão, humanos na decisão
Uma viagem de eras ficou para trás
Talvez nos encontremos... algum dia
Pelo caminho de volta...
Sem sol, sem estrelas, apenas uma lua para seguir

Ohhhhhh! Mundo que me espera
Ohhhhhh! Mundo que deixo
Da terra ou do céu
O mesmo esplendor
O retorno para casa
Talvez nos encontremos... algum dia

Daqui partirão, esses seres
Humanos em paixão, humanos na decisão
Cantai meus amigos
A aventura foi gigantesca
Como um pequeno bote navegando as águas do oceano

As eras passaram através dos dedos
Não ficaram para trás somente passaram
Muitos heróis vieram e foram
Cobertos pelo manto da história

Mas um entre eles ficará
Um entre todos é o preço do retorno
As folhas vão caindo, amareladas pelo tempo
Tempo que trás a neve, o frio,
A brisa ao amanhecer

A luz na escuridão não se apaga
Dias virão e passarão
E a luz na escuridão ficará
Acesa desde o início dos tempos
Um entre todos ficará

A música foi diminuindo até ficar apenas um murmúrio inaudível. Mesmo assim aquela música parecia me acalmar e aos poucos eu voltava ao normal, já conseguir notar que poderia falar com aquele inusitado ser. Mas deveria fazer isto? Pensativa resolvi questionar. Mas sabia que não seria necessário falar qualquer coisa, ele – de antemão – já sabia o que eu queria saber.

O estranho, então, prosseguiu:

- O ser que vocês chamam de Agora não fará a viagem de volta.
- Mas ele deve retornar conosco – falei finalmente - ele pertence ao Programa Espacial e preciso manter minha tripulação completa.



- Não Stephanie. Agora não pertence ao seu mundo. Ele foi inserido em vossa missão porque assim desejamos e ele poderia manter um minúsculo sinal conosco mesmo tendo adentrado universos onde não podíamos ir. Agora foi muito importante para nós quanto para vocês, mas ele não pode retornar. Seu destino foi cumprido e aqui deve permanecer. Deve voltar para sua civilização. Agora não deve retornar.

Permaneci abatida, era muita informação de uma única vez para mim naquele momento. O que mais eu poderia dizer, apenas abaixei a cabeça tentando demonstrar que tudo então deveria ser cumprido conforme queriam. Se esse realmente era o destino de Agora o que eu poderia fazer. Sei que nunca vou me esquecer dele, pois foi realmente um grande companheiro, um verdadeiro amigo e em muitas ocasiões cheguei a me esquecer que ele era um andróide. Agora vai ficar em minha mente para sempre. Agradeço-lhe pelo que fez durante toda esta viagem. Mas depois de um tempo, pensei, quando estivéssemos em casa, como explicaria o desaparecimento deste grande companheiro?

Imediatamente, e não vou explicar como, a resposta estava em minha mente. Estes seres se encarregariam de que a humanidade não se lembraria de que na missão estava o andróide Agora. As eras passariam e Agora seria apenas uma lembrança para mim e não para os demais, talvez ele fosse apenas um relato daqueles que o tivessem visto, mas não poderiam imaginar que ele estivesse em nossa jornada.

Então, sentindo vontade de fazer tantas perguntas para aquele ser de luz ele apenas ergueu a mão dizendo para que eu permanecesse em silêncio e continuou.

- Esta viagem é uma experiência completamente nova para as pessoas do seu mundo, e eles ainda não estão preparados para esta realidade, nem sabemos explicar como você conseguiu se manter acordada depois de atravessar a fronteira entre duas dimensões, deveria estar como seus amigos, desacordada, e isso seria melhor para todos, inclusive para nós, pois nosso trabalho teria sido facilitado. Porém, também entendemos que você é uma pessoa que está à frente de seu tempo. Por isso, depois do conselho dos guardiões da luz decidimos mantê-la com a mente sã e não prejudicá-la de nenhuma forma, pois sabemos que não será perigosa. Entretanto, vamos apagar todos os registros até aqui de seu amigo robô, para que nada possa ser provado ou mesmo dito aos demais terrestres antes da hora marcada, e tudo aqui seja apenas uma história que um dia você poderá contar. Você irá adormecer, para que a viagem não seja tão cansativa, e acordará em sua dimensão, em seu tempo, porém, para que vocês possam ir protegidos dos seres maldosos, vou entregar-lhe esta pequena medalha de ouro com a imagem do sistema solar, a qual irá protegê-los e guiá-los até seu universo e tempo.

Dizendo isso, a medalha veio flutuando até minha mão, a qual coloquei no bolso de meu uniforme, e não vi mais nada.

“centuriões, cantam uma canção
Uma canção amiga, uma canção bela
Ouvidos e olhos abertos
A canção vaga por riachos, montanhas
Por vales e desfiladeiros
Vaga por campos, sem fim
Estrelas e o infinito

Guardiões da luz permanecem
Em seus postos a tudo cientes
Por universos não visitados



Por universos humanos
Uma canção apenas
Um murmúrio longuinguo

Passageiros do tempo vão em paz
Caminhem pelas estrelas e
Retornem para casa
A casa amiga d'um coração de amor
A brisa do tempo acompanhará
Ide em paz humanos

O amor do início ao fim
Percorre eras, percorre o universo
Mantêm a paz, alegre corações
Derrama lágrimas

O amor dos guardiões
Desde o início, desde os primórdios
Por incontáveis eras
Por incontáveis tempos
Arautos do bem

Mensageiros da paz
Da ordem e do bem
Mensageiros da paz

Passageiros do tempo
Desta longa jornada
Vão em paz
Retornem à casa de amor
Ao lar retornem

Ide em paz
Ide em paz

- Stephanie, Stephanie...
- Abri os olhos, era Phélix que me cutucava, tentando me acordar.
- Stephanie, você adormeceu e tive que assumir o comando da nave.
- Olhei em volta, todos os tripulantes estavam acordados, e cada qual em sua função, verificavam constantemente os controles.
- Phélix me colocou a par da situação atual:
- No momento em que entrávamos no buraco negro, fomos expulsos de lá, como se existisse um campo magnético que não poderíamos atravessar. Fomos jogados para longe, desde então, você adormeceu. Estamos conseguindo contato novamente com a Terra, e provavelmente precisaremos retornar.
- Perguntei a Phélix:
- Por quanto tempo eu permaneci desacordada?



- Cerca de 48 horas. Conseguíamos nutri-la conforme determinado pelo Programa Espacial, mesmo enquanto dormia.

Phélix ainda continuou:

- Você ainda parece confusa, por que não descansa um pouco e tente ingerir alguma coisa? Está tudo sob controle, em breve estaremos indo pra casa.

Resolvi fazer o que Phélix sugeria. Sai da sala de comando e vaguei por algum tempo pelos corredores da Sagitt I. Entrei em meus aposentos e fiquei observando o espaço sideral por alguns momentos imaginando se estivera sonhando. Mas me parecia ter lembranças bem vivas de tudo que aconteceu, entretanto, desde minha infância eu sempre tivera sonhos que me pareciam reais. Tentando colocar as emoções e pensamentos em ordem, pressionei um botão na parede do aposento o que faria eu flutuar sobre um colchão de ar e assim poderia adormecer tranquilamente. De repente senti que algo pressionava minha perna, por dentro do uniforme.

Coloquei a mão no bolso, e tirei de lá uma medalha de ouro em que estava gravada a imagem do sistema solar.

Guardei novamente a medalha e apenas sorri.

Finalmente! Estávamos voltando para casa.

Stephanie Brite.

Denise Ferreira Chimirri e Walter Veroneze
07.11.2010